

SOBRE O TEMOR DA MORTE

provocações a partir de Pascal e Heidegger

Écio Elvis Pisetta
Unirio

RESUMO: O texto trata do medo da morte e de sua compreensão baseando-se em dois filósofos, Pascal e Heidegger. Por certo, a morte desafia o ser humano de muitas maneiras. A filosofia assume este desafio por meio do questionamento. Assim, a compreensão do que está em jogo no medo da morte é que deve ocupar o filósofo. Tanto o pensamento acerca da morte bem como a descoberta do que se pode entender pela essência humana pavimentam uma única via.

Palavras-Chave: Morte; antecipação; possibilidade; impessoalidade; Pascal; Heidegger.

ABSTRACT: The text deals with the fear of death and its understanding based on two philosophers, Pascal and Heidegger. Certainly, death challenges the human being in many ways. Philosophy assumes this task through questioning. Thus, the understanding of what occurs in fear of death is what must occupy the philosopher. Both thinking about death as well as discovering what can be understood by human essence are the same.

Keywords: Death; anticipation; possibility; impersonality; Pascal; Heidegger.

1. Introdução

A morte desafia o ser humano de muitas maneiras. A filosofia assume este desafio por meio do questionamento. O tema da morte está ligado à atividade filosófica desde seu começo grego. Platão nos diz, no Fédon, que “quando uma pessoa se dedica à filosofia no sentido correto do termo, os demais ignoram que sua única ocupação consiste em preparar-se para morrer e em estar morto!” (Féd., 64 a; PLATÃO, 1972, p. 71). Pois bem, diante do desafio de uma compreensão filosófica da morte, nosso interesse deve ater-se a duas orientações gerais: (a) Todo o esforço de pensamento, esforço intelectual, já conta com algum grau de experiência. O intelecto não é primeiro, mas ele recorta algo que o afetou. A morte se torna acessível em nosso esforço por dizê-la. Somos convidados a reparar nas coisas quando estas não nos atendem mais, quando falham ou não se mostram como esperávamos. Neste sentido, a morte é fundamental perplexidade. (b) A reflexão, então, tem um caráter tardio, enquanto a experiência da morte detém primazia ontológica. Nossa dinâmica de ser é a da transitoriedade acerca da qual sabemos em algum grau. Nesta reflexão nada mais fazemos do que dar-mo-nos conta de nosso ser, de compreender algo de nossa situação existencial no mundo.

Neste propósito contaremos com dois filósofos da tradição, Pascal e Heidegger, que não serão abordados de modo comparativo. Cada um à sua maneira nos dirá algo acerca do temor da morte e, igualmente, do que compreendem como morte. O contexto que estimulou este conjunto de reflexões é o da pandemia causada pelo covid-19. As reflexões estão longe de serem respostas ou remédios às fraturas que nosso ser vive nestes tempos e que continuará a viver. Mas quando há um hiato desta espécie devemos permanecer dentre aqueles que mourejam junto às feridas não lhe aplicando apressadamente qualquer bandagem. Faz-se necessário aprender.

2. Blaise Pascal e o medo da morte

2.1 Contextualização

Pascal¹ foi matemático, filósofo, religioso cristão (Cf. REALE, 2017, p. 529-552). Influenciou grandemente o pensamento moderno e contemporâneo. Opunha-se a exageros acerca dos poderes da razão e da ciência em detrimento do coração, da sensibilidade e da fé. Encarna a inquietação do ser humano diante da natureza e da condição humana e suspeita das ilusões científicas e sociais. Assume a existência humana como contradição radical sendo o cristianismo sua solução possível. Para ele, a vida humana não se confunde nem com a divina e nem com a natural (do animal). Traz consigo, no entanto, marca desta origem divina. Quanto mais o ser humano se aproxima do divino, mais se humaniza. E quando dele se afasta, se animaliza. Pascal, assim, chama a atenção para a grandeza humana presente em sua miséria. Esta grandeza se mostra na consciência de si e na liberdade (na responsabilidade ou tarefa humana) para escolher o que é mais razoável, ou seja, a fé. Pascal aposta na fé, via sempre problemática para seus intérpretes. Pois a aposta não é nada de calculado, de racional, de probabilístico. Se o fosse não corresponderia à experiência da fé. Encontramos em suas descrições a “sensação” de escuridão, a exigência de uma entrega, a espera de uma graça. Em Pascal vemos também o famoso eco de Agostinho: “... porque nos criastes para Vós e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousar em Vós” (AGOSTINHO, 1998, p. 23).

Qual a medida desta entrega e desta aposta? Não é suficiente que alguém, voluntariamente, queira entregar-se ao divino. A “salvação” não depende meramente da vontade subjetiva. A aposta possui um caráter preparador: ela se fia numa compreensão da essência humana como transcendência, ou seja, como superação dos limites racionais. Esta não se compreende adequadamente por meio da racionalidade dedutiva onde, a partir de certos axiomas basilares se deduz todo o construto da realidade, como ocorre na geometria.

¹ Existem duas edições disponíveis dos *Pensamentos* de Blaise Pascal: a da Editora Martins Fontes, que segue a edição de Lafuma (1963), mais aceita pelos estudiosos porque segue uma primeira organização dos manuscritos feita por Pascal e pela família; e a edição da coleção *Os Pensadores*, que segue a de Brunschwig (1904). Indicaremos ambas, nesta ordem, pelo número do fragmento correspondente, após o texto citado: [Lafuma (Brunschwig)].

PISETTA, Écio Elvis.
Sobre o medo da morte: provocações a partir de Pascal e Heidegger

Durante o século XVII Pascal filiou-se aos jansenistas. Enquanto os jesuítas insistiam na razão, na defesa do papado e do intelecto, da liberdade e da vontade humanas para a salvação, os jansenistas (termo derivado do bispo agostiniano Cornélio Jansen) praticavam uma vida rigorosa (simplicidade, jejuns, etc.) e apostavam na graça divina para a salvação. Eram também instruídos e adeptos de uma vida retirada na abadia de Port-Royal des Champs. Os jansenistas retomam alguns tópicos da teologia de Santo Agostinho: corrupção da natureza humana pelo pecado original e a centralidade da graça de Deus para a salvação. Ao mesmo tempo, Pascal é gênio matemático e científico tendo escrito um *Ensaio sobre as cônicas* com 16 anos, e criado uma “máquina de calcular” aos 19, além de outros trabalhos sobre probabilidades, o vácuo e o equilíbrio dos líquidos.

Em Pascal pulsam, então, duas espécies de pensamento: razão e coração; ciência e fé. Tal oposição se manifesta na orientação para o cultivo de duas atitudes de pesquisa: o espírito de finura ou fineza e o espírito geométrico:

No espírito de finura... a questão é ter boa vista, mas que seja boa, pois as coisas são tão sutis e em tão grande número que é quase impossível não nos escaparem algumas... Assim, é preciso possuir a vista bem clara para ver todas as coisas e também o espírito justo para não raciocinar erroneamente... O que faz com que alguns cientistas não sejam sutis é que não veem o que está na frente deles, e, estando acostumados aos princípios nítidos e grosseiros da ciência e a só raciocinar depois de terem visto bem e bem manejado os seus princípios, perdem-se nas coisas da finura, onde as coisas não se deixam manejar de igual modo... Há, pois, duas espécies de espírito: um que penetra viva e profundamente... e é no que consiste o espírito de finura; outra, que compreende grande número de princípios... e é no que consiste o espírito de geometria [511-512 (1-2)].

Para Pascal os elementos éticos e religiosos ocupam o lugar das coisas essenciais e somente podem ser compreendidos pelo espírito de fineza. Mas, significa isto que a ciência não pode aceder a estes valores, à fé, por exemplo? Não pertence à objetividade científica enquanto tal, mas ao ser humano – que pode ser um cientista – reconhecer os limites de sua pesquisa quando diante de uma realidade não quantificável. Assim, o espírito de fineza não nega ou exclui a ciência e seus métodos, mas as compreende de

PISETTA, Écio Elvis.
Sobre o medo da morte: provocações a partir de Pascal e Heidegger

outra maneira, percebendo seu alcance, os fenômenos a que remete, e a impossibilidade destes mesmos métodos de acessarem as coisas espirituais. Não há um conhecimento total e absoluto pela razão. O que é decisivo para o ser humano, na visão de Pascal, exige certa fineza. “Nada existe tão conforme à razão quanto desmentir a razão” [182 (272)].

Pensamentos é sua obra mais famosa. Nela faz uma defesa da religião cujo propósito é estimular os incrédulos e indiferentes à busca de Deus. A obra ficou inacabada. Uma boa parte da mesma consiste de fragmentos ora maiores ora menores que foram organizados pelo próprio Pascal em torno de temas (*papéis classificados*): vaidade, miséria, tédio, razão dos efeitos, divertimento, filósofos, grandeza, submissão e uso da razão, etc. Outros, não classificados, foram acrescentados formando o volume de que hoje dispomos. Este aspecto da prevalência da fé cristã sobre a razão ou saber científico aparece declarado numa carta ao matemático Fermat, onde Pascal diz que a geometria “é boa para fazer o ensaio, mas não o emprego das forças” (*Apud*: BIRCHAL, 2007, p.79). O pensamento pascaliano se insere na compreensão da existência humana como algo de tenso, inquieto, contraditório (Cf. SILVA, 2005): nela há natureza e há espírito.

2.2 Sobre o medo da morte

Pascal foi matemático, A experiência imediata de instabilidade social, psicológica, política, etc., com o seu “saldo” de mortos nos chama à reflexão. Tememos a morte? Somos corajosos porque não a tememos? Talvez nos ocorra que a maior dificuldade não está nem nas perguntas nem nas respostas que por fim conquistamos, mas na compreensão do fenômeno em questão. Coisas sérias pedem atitudes intelectuais igualmente sérias: um espírito de fineza para descobrir o que não é da ordem da razão calculadora.

A fim de respondermos minimamente a estas questões, optamos pelo exame de um dos fragmentos dos *Pensamentos* de Pascal. A partir deste, outros textos serão citados. Eis o fragmento: “Temer a morte fora do perigo e não no perigo, pois é preciso ser homem” [716 (215)]. Diversos termos e perguntas relacionadas pedem explicação:

perigo; fora do perigo; temer a morte no perigo e fora do perigo; visualização da miséria humana; saber acerca da morte; e o sentido da frase: “pois é preciso ser homem”.

De que perigo se trata? Como este perigo se relaciona com a morte? Em muitos lugares Pascal refere-se aos seus contemporâneos como negligentes em relação ao que há de mais sério: as verdades da religião cristã. De forma genérica, é fato para todos que a morte deve ser temida. Mas, quais as razões deste temor? A perda da vida e dos prazeres sensíveis? Ou as consequências para a alma na eternidade? O cristianismo de Pascal traz para o argumento do temor da morte a experiência da fé cristã que tem na eternidade seu maior valor. A partir disso problematiza o temor e demarca o sentido em que se refere aos negligentes: estes não levam em conta a eternidade. Refere-se, então, a um tipo humano extremo e muito frequente, o negligente em relação à eternidade, mas não em relação às coisas mundanas. Ele faz dessa atitude negativa sua ação constante: ocupa-se com as coisas mundanas – que são bens passageiros – e cultiva a vaidade. Desta forma esquiva-se da percepção do vazio que domina *esta* vida. Falta-lhe a fé religiosa na eternidade, provada em seus comportamentos descabidos e imprudentes. Mas compreender e descrever o tipo negligente serve para mostrar a corrupção da natureza humana (sua miséria) e, por extensão, a estrutura desta natureza [Cf. 427 (194)]. O cristão deve ter por esse tipo humano “toda a caridade da religião que eles desprezam” (Idem). Porque podemos “cair na cegueira em que se encontram, devemos fazer por eles aquilo que quiséramos que fizessem por nós se estivéssemos no lugar deles” (Idem). Diz-nos Pascal sobre o negligente.

Sabe-se bastante de que maneira agem aqueles que estão nesse espírito. Acreditam ter feito grandes esforços para instruir-se, quando empregaram algumas horas na leitura de algum livro das escrituras e interrogaram algum eclesiástico sobre as verdades da fé. Depois disso, alardeiam ter pesquisado sem sucesso nos livros e entre os homens. Mas na verdade, eu lhes diria o que disse muitas vezes, que essa negligência não é suportável. Não se trata aqui do interesse ligeiro de alguma pessoa estranha, para agir desse modo; trata-se de nós mesmos e do nosso todo [427 (194)].

O que não é suportável é não buscar de todo coração aquilo que é vital segundo a ótica cristã. Chama-nos a atenção que o negligente não é, necessariamente, o inculto, mas também o dotado de certa erudição, que tem acesso à instrução acerca da religião, mas que não compreendeu a gravidade do que está em jogo: mundo ou eternidade.

PISETTA, Écio Elvis.
Sobre o medo da morte: provocações a partir de Pascal e Heidegger

Pascal considera fundamental pautar a vida a partir dos bens eternos. Dessa forma, o negligente é um tipo humano que o irrita [427 (194)], porque não pensa no último fim da vida, porque não encontra luz em si mesmo, não examina as opiniões superficiais e sem fundamento recebidas popularmente e nem aquelas que embora sendo por si mesmas obscuras têm fundamento. O comportamento dele assemelha-se a algo monstruoso, disforme, como contrário à natureza, à justiça e à razão. “Essa tranquilidade em tal ignorância é uma coisa monstruosa” [428 (195)].

Para estes, a vida humana não é questão. Dizem que não há necessidade de buscar o *Deus escondido*, pois nada sabem dele já que é um Deus oculto e inacessível. Mas, qual o significado deste mistério para a fé cristã? A conversão do ser humano. Se o Deus não fosse oculto, mas todo manifesto, acaso haveria razão para os homens porem-se a caminho? Quando estes negligentes dizem que não sabem, não expressam a falta de informação, mas uma recusa ao saber, à compreensão da existência humana e divina.

Como o negligente experimenta ou sabe da morte? Como algo de inevitável, mas que lhe é indiferente, ou em relação ao que mantém uma atitude passiva ou impotente e, por outro lado, empenha-se em manter-se ignorante em relação ao sentido deste momento derradeiro [Cf.427 (194)]. Segundo Pascal, uma pessoa razoável temeria a danação eterna. Mas falta ao tipo negligente este medo que teme a partir da eternidade. Seu medo dilui-se nos valores sociais ou mundanos que são supervalorizados e para os quais se torna excessivamente sensível. “Eles são totalmente diferentes com relação a todas as outras coisas: temem até as mais leves, preveem-nas, sentem-nas” [427 (194)]. Pascal vê no negligente aquele que espera para tirar a prova na hora da morte. Um imprudente.

Como romper com este ciclo de recusa constante? Pascal convida o ser humano a outra espécie de temor, que teme a morte fora do perigo. O lugar deste temor da morte não está no imediato, isto é, no exato momento da chegada da morte segundo o pensamento corriqueiro. O comportamento negligente, criticado por Pascal, aproxima em demasia o homem do animal e o afasta do sentido de sua humanidade e da divindade: “(...) Pois aquilo que é natureza nos animais, chamamos miséria no homem. E por aí reconhecemos que, sendo a sua natureza hoje semelhante à dos animais, ele está decaído de uma natureza melhor que lhe era própria anteriormente” [117 (409)].

PISETTA, Écio Elvis.
Sobre o medo da morte: provocações a partir de Pascal e Heidegger

Paradoxalmente, em temendo a morte fora do perigo, experimentamos uma aproximação ou intensificação da morte, bem como da situação de miséria do homem (*saber dela*) e, por consequência, um “aumento” de humanidade. A experiência da morte é descolada do momento da morte. De início, “fora do perigo” remete a todos os momentos que não correspondem ao instante fátual da morte, ou seja, os momentos que pertencem ao curso da vida humana. De que modo os tememos? Segundo graus adequados a cada perigo que se mostra em circunstâncias singulares. Nunca de maneira uniforme, mas segundo o alcance de cada espécie de perigo. Pensemos em perigos pontuais: um assalto, ataque de animal ou do inimigo numa guerra, uma ofensa, falta de dinheiro ou de trabalho, etc. Tememos estas situações de formas distintas. Mas, as tememos no exato momento de sua aparição? No momento em que sentimos na pele seu perigo? Seria algo estranho e imprudente. Nossas reações aos perigos atestam que os prevíamos de alguma maneira. Tenhamos em mente que Pascal pensa no negligente como aquele que teme *apenas* na hora do perigo, carecendo de uma compreensão adequada do que seja a morte na ótica da fé cristã.

Mas o que isso nos diz ainda acerca do perigo? Que o lugar do temor, para o ser humano, localiza-se *fora* do perigo imediato. Não algumas vezes, mas constitutivamente. É preciso aprender a temer fora do perigo, e não no momento fatal; é preciso temer fora da ignorância ou indiferença; é preciso temer *fora*, porque assim é, de fato, o verdadeiro temor. Este *fora* não indica a ausência completa do perigo, mas previdência, ou seja, antecipação ao perigo e *do* perigo. A partir disso compreende-se que o perigo é maior ou menor dependendo da consciência prévia que o visualiza. É *fora* do perigo que a morte encontra seu adequado temor.

A experiência aludida mostra traço essencial da existência humana no mundo, o da temporalidade. De um ponto de vista filosófico, a antecipação é o lugar por excelência do temor – e de tudo na existência humana – porque nele o sentido próprio da humanidade se desdobra, capacitando-a para ação ou reação adequadas. Não há recusa da possibilidade da morte, mas exigência derradeira de sentido. É a partir desta possibilidade extrema que a existência humana em sua totalidade pode ser balizada. Graças ao temor da morte fora de seu imediato perigo, construímos um mundo técnico para nos protegermos das vicissitudes da natureza e dos próprios homens (as leis, por exemplo). O fracasso constante destes meios constatado nas inseguranças de nossa

PISETTA, Écio Elvis.
Sobre o medo da morte: provocações a partir de Pascal e Heidegger

história não refuta a tese, pois ela corresponde ao modo de ser da vida humana. O ser humano, vivendo, acumula diversos saberes, tanto práticos quanto teóricos. Então, pode prevenir-se, elaborar estratégias, alcançar – apesar dos fracassos – novos sucessos que são, por sua vez, sempre provisórios. Fracassos e sucessos pertencem à miséria humana. Por isso “temer algo fora do perigo” permite certo conhecimento acerca do que se teme, se doença, animal, soldado e acerca de quem teme. Nesse sentido, assume-se postura contrária à do negligente, pois na antecipação não há recusa da periculosidade. Por outro lado, devemos ter em mente que a crítica do filósofo não se dirige ao negligente em geral, mas à sua atitude em relação aos valores eternos. A remissão contínua ao *fora* afasta o ser humano de temer a morte exclusivamente na hora do perigo, deslocando o temor para uma posição providente e, desta forma, aproximando o ser humano daquele lugar que o caracteriza por excelência. Nesta proximidade, altera-se também a intensidade e a compreensão do temor. Assim, a que alude, de modo especial, o fragmento citado? Ao pensamento.

Ampliemos a textura da noção de perigo. Dos perigos pontuais e também gerais (práticos ou teóricos) para a situação do extremo perigo: a morte como caminho para a salvação ou danação eternas. Mas tal situação somente pode ganhar corpo por meio do pensamento. O perigo extremo emerge no e por meio do pensamento. Estamos diante de uma compreensão ontológica da vida e da morte. Temer a morte fora do perigo da morte é, sobretudo, um *temor de outra ordem*, que tem a possibilidade de relativizar o sentido dos perigos imediatos. Como assim? Podemos imaginar o temor que se abate ao cidadão ou ao soldado diante do ataque do inimigo. O perigo pontual está no inimigo e, portanto, o temor retorna ao seu momento específico em algum grau, podendo ser superado com a vitória. No entanto, temer a morte fora do perigo assemelha-se a um temor que nos faz “tremar” quando nenhum perigo pontual está à espreita. Talvez sirva como exemplo a situação do soldado que se alegra com a vitória, mas não vê motivo para descuidar da vigilância. Há temor *fora* de toda determinação. Se refletirmos um pouco mais, visualizaremos o sentido trágico da existência humana ali presente. Seu temor estende-se a todo e qualquer momento da vida: é temor pura e simplesmente *de ser*, isto é, de ser uma vida livre e responsável por seu ser. O peso dessa responsabilidade pode ser apenas alcançado e compreendido na experiência do pensamento, esse espaço da vida humana que se localiza *fora* do imediato. Falta, então,

ao negligente a distância do pensamento para se escandalizar com seu comportamento impróprio frente às coisas eternas e, na perspectiva de Pascal, tornar-se razoável e seguir a verdadeira razão. Por consequência, nenhum temor pontual nos mostra o quanto somos miseráveis, nem nos mostra porque as coisas eternas devem ser mais temidas do que qualquer perigo mundano. Em Pascal, o pensamento e o saber, assim compreendidos, convertem-se no lugar da descoberta e da afirmação da essência humana (“pois é preciso ser homem”). Temer a morte fora do perigo revela os perigos em suas singularidades e a textura do maior perigo.

Há alguma “vantagem” nesta revelação? Não seria melhor negligenciar tamanha compreensão da existência humana? É o que de fato faz a maioria dos homens, o que assusta Pascal. Mas é preciso pensar. O reconhecimento da própria miséria de ser, paradoxalmente, pode mover ou comover o ser humano de outra maneira. “A grandeza do homem é grande por ele conhecer-se miserável; uma árvore não se conhece miserável. É então ser miserável se conhecer (- se) miserável, mas é ser grande conhecer que se é miserável” [114 (397)]. O saber revela a miséria e transitoriedade como condição da criatura humana; revela esta criatura como finita em relação a algo de infinito; revela a finitude pontual como possibilidade de uma miséria sem descanso, que somente encontra repouso e solução na divindade. A fé, em Pascal, é expressão deste vínculo essencial – religião, re-ligare – e a graça divina, a resposta. Para nós haveria muito ainda a se pesquisar filosoficamente acerca deste assunto.

O homem não é senão um caniço, o mais fraco da natureza, mas é um caniço pensante. Não é preciso que o universo inteiro se arme para esmagá-lo; um vapor, uma gota de água basta para matá-lo. Mas, ainda que o universo o esmagasse, o homem seria ainda mais nobre do que aquilo que o mata, pois ele sabe que morre e a vantagem que o universo tem sobre ele. O universo de nada sabe./ Toda a nossa dignidade consiste pois no pensamento. É daí que temos de nos elevar, e não do espaço e da duração que não conseguiríamos preencher. Trabalhem, pois, para pensar bem: eis aí o princípio da moral [200 (347) H.3].

Pascal, como tantos pensadores modernos, vê no ser humano a mais excelente das criaturas. Não porque não seja atravessado por sentimentos baixos e egoístas, como a covardia, a ingratidão, a soberba, a vaidade. Mas porque, pensando, ultrapassa a

PISETTA, Écio Elvis.
Sobre o medo da morte: provocações a partir de Pascal e Heidegger

“imanência” e alcança a “transcendência”, isto é, o que há de mais desejável segundo sua natureza própria [Cf. 430 (431)].

Dito isso, podemos elencar certa hierarquia na compreensão do temor da morte. O que se teme ou se deve temer em primeiro lugar é a eternidade, valor negligenciado. O que fazer? Aprender a temer a morte fora do perigo, isto é, antecipadamente. Vemos uma gradação: o temor antecipado torna o ser humano prevenido diante dos possíveis perigos; o temor antecipado deixa de indicar os perigos isoladamente e aponta para a condição de miséria humana. Este temor é revelador da condição transitória da existência humana. Assim, descobre a morte como o mais temível e, na linguagem de Pascal, como porta de entrada para a eternidade. Teme-se a morte não porque ela decreta o fim dos prazeres mundanos, mas porque remete para os bens eternos. O temor da morte fora do perigo pode ser visto como um aprendizado que se dá por meio da reflexão. O negligente recusa assumir o pensamento como o lugar mais próprio do ser humano. Então temer a morte fora do perigo mostra ao ser humano a instância a partir da qual ele pode alcançar uma compreensão própria de si mesmo. A recusa diante da tarefa do pensamento traz em seu bojo uma “perda de nossa humanidade”. Temer a morte antes do perigo é ato de coragem para Pascal. Temê-la apenas em seu efetivo advento, como faz o negligente, é covardia e insensatez.

3. Heidegger e o ser-para-a-morte

O que segue consiste numa reflexão acerca da morte e do temor da morte, tendo como orientação teórica os parágrafos pertinentes de *Ser e tempo*, de M. Heidegger (1889-1976), sobretudo os 52 e 53. Neste sentido, o trabalho terá como objetivo provocar o leitor para o tema.

Heidegger foi um dos maiores pensadores do século XX. Sua filosofia – coisa típica da fenomenologia – estimula as mais diversas áreas de pesquisa das ciências naturais e humanas, provavelmente devido à capacidade de diálogo de seu pensamento. Em 1927 publica sua obra mais famosa, *Ser e tempo*. Nela se trava uma discussão denominada *analítica existencial*. Investiga-se o modo de ser do humano, o *Dasein*, termo traduzido por *presença* pela editora Vozes. Sob o termo “presença” (*Dasein*) Heidegger assume a tarefa de pensar o ser humano em seu modo ou dinâmica próprios e

PISETTA, Écio Elvis.

Sobre o medo da morte: provocações a partir de Pascal e Heidegger

não a partir de algum conteúdo já cristalizado da tradição filosófica. Nós somos esse ente denominado “presença”². A analítica se apresenta como a investigação a ser feita antes de todas as demais, antes das ciências e, mesmo, antes da filosofia tradicional, já que é o ser humano que se pergunta pelo ser e pelo sentido do ser. É preciso, então, preparar este ente para colocar adequadamente as perguntas já elencadas, ou seja, para compreender de que se trata. No § 9 a essência da presença é descrita como sendo a existência, termo que não deve ser confundido com *existentia* (ser simplesmente dado). A essência da presença está em ter de ser, em responsabilizar-se por seu próprio ser. “O ser, *que está em jogo* no ser deste ente, é sempre meu” (§ 9, p.86)³. A essência como existência é algo de irremissível, é sempre algo de meu, “minha”. Trata-se, então, de uma investigação acerca da essência do ser humano, mas não tomando como base as definições já conhecidas de animal racional, criatura, *res cogitans*, razão, espírito, força de trabalho, etc. Por certo, tais apresentações não são equivocadas, mas esquecem de considerar o modo de ser da presença, modo que precede todas estas realizações.

Ora, como é esta existência em que o ser, que eu mesmo sou, está em jogo? Ela se mostra no mundo dos empenhos: lidar ou ocupar-se com as coisas, preocupar-se com os outros na convivência, e consigo mesmo. O ser humano é ocupação e preocupação. Na grande maioria das vezes ele faz e vive como todo mundo, isto é, como impessoalmente se fazem as coisas e se vive a vida. Nesse sentido, é essencialmente decadente, perdido de si nos ditames do impessoal, extraviado de um possível si mesmo em sentido próprio. Ele está, em geral, perdido, mas pode se achar. Por quê? Porque a noção de impessoal, ou seja, de viver extraviado e desviado, pressupõe alguma referência a partir da qual se pode pensar essa situação. O fato de viver perdido de si não significa que o ser humano seja assim sempre e necessariamente. O pensamento de *Ser e tempo* foca a relação, o *ser-para* as coisas, os outros, e também para o si-mesmo. Antecipadamente, a presença é remissiva. Neste contexto, que significa ser antecipadamente para a possibilidade da morte? A morte não está à mão como algum objeto à disposição. Sua efetividade é também algo diverso das outras coisas. Assim, que ser lhe pertence? A interpretação dominante da realidade como simplesmente dada ou simplesmente existente retira constantemente a presença de suas possíveis

² Portanto, nos serviremos deste termo com frequência, remetendo à obra *Ser e tempo*, traduzida pela editora Vozes.

³ Para fins de simplificação, as remissões a *Ser e tempo* serão apenas indicadas após a citação e entre parênteses, pelo parágrafo correspondente e a página.

PISETTA, Écio Elvis.

Sobre o medo da morte: provocações a partir de Pascal e Heidegger

referências existenciais, que são remissões e, simultaneamente, significações: um ente isolado (fora de contexto ou destituído de conjuntura) é algo de impossível. Os existenciais, como contraponto às categorias tradicionais, buscam colocar novamente a questão acerca do ser da presença: ser-no-mundo, disposição, angústia, morte, consciência, decisão, tempo, etc. A presença é ser-no-mundo, é ser-em-um-mundo aberto de sentido, onde o “em” significa “morar junto a, ser familiar com” (§ 12, p.100), por meio de suas ocupações e preocupações sem nenhuma conotação valorativa. Pois bem, há uma busca incessante na analítica existencial pela existência própria, isto é, pelo que lhe é familiar e do qual está em geral extraviado. A interpretação existencial da morte atrela-se ao conceito de existência, isto é, à essência da presença. A reflexão acerca da morte visa à existência em sentido próprio.

De que forma o temor da morte pode ser pensado a partir de *Ser e tempo*?

3.1 Sobre medo e angústia

Dois existenciais assumem, de início, a exposição da compreensão existencial da morte: o medo e a angústia. O medo é sempre medo de alguma coisa, de um ente que vem ao encontro da presença dentro do mundo e pode, por exemplo, colocar sua vida em perigo. Existem muitos medos. Mas resta saber se a morte é algo que vem ao encontro como um ente qualquer. É ela algo de determinado, do qual podemos fugir? Até que ponto podemos nos prevenir da morte? Fuga e prevenção supõe determinação do que se foge. Será que tais prevenções pensam suficientemente o fenômeno da morte? No § 30 explora-se o medo como uma das estruturas prévias da presença, ou seja, das disposições ou tonalidades afetivas. Alguns parágrafos adiante, quando o ser-no-mundo é interpretado como cura (*Sorge*), e aprimora-se a interpretação da presença como ser-no-mundo, remete-se à angústia como disposição fundamental e privilegiada (§ 40). Esta conexão da morte com a angústia aparece também no § 53: “o ser-para-a-morte é essencialmente angústia” (p. 343). Que há de essencial no primado da angústia sobre o medo?

Temos medo de algo, de um ente determinado. Contra tais medos podemos fazer algo. De forma imprecisa e caricata, podemos dizer que o medo pode atingir “tamanho envergadura” que já não conseguimos determinar do que temos medo. Nesta ausência

PISETTA, Écio Elvis.

Sobre o medo da morte: provocações a partir de Pascal e Heidegger

de determinação do que tememos, ingressamos no terreno da angústia. Há algo no mundo, mas que não é um ente intramundano à semelhança de todas as coisas reais ou imaginárias que podemos encontrar. Há algo distinto pelo que tememos. Isso significa pura e simplesmente que tememos por nossa vida enquanto mais um ente dentro do mundo e que tem consciência de que algo pode matá-lo? Mas o temor que ali se manifesta, grosso modo, não indica nenhum objeto determinado. Pode ser pensado, mas sem a segurança oferecida pelas determinações. Quando o medo perde suas determinações encontramos a angústia, ou melhor, esta é que nos surpreende: é angústia por ou pelo próprio ser que se é; é angústia por ou de ser esse estranho ente denominado presença. Este ente se angustia – nós tememos por ele – em que sentido? Angustiar-se é temer sem saber o que temer porque não há determinação. Precisamos ter um mínimo de consciência desta situação para pensá-la e distingui-la da figura, igualmente caricata, do insano que sucumbe à ausência de determinação. Então, pelo que a presença se angustia se não há algo de determinado? Pelo seu ser? Pela essência indeterminada do ente que ela é? *O que há* para angustiar-se? De fato, pelo ser-no-mundo que a presença é, pelo seu si mesmo ou, somente, por ser. Mas como ou por que alguém chega à angústia? Será a angústia a presença de lugar nenhum?

Por certo, o fenômeno não foi bem esclarecido. O primado da angústia pode ser pensado em duas possíveis direções: com que (a) a angústia se angustia é o mais familiar, é o ser-no-mundo. A angústia se mostra quando nada mais podemos fazer, quando não podemos mais nos ocupar ou nos distrair com algum ente intramundano. Ficamos diante do fato intransponível de nosso próprio ser que é, então, para... nada de determinado! Não há nada que nos salve desta estranha sensação de se sentir diante do nada de ser. Isto nos mostra o pensamento. A experiência mais própria possui algo de insuportável porque nenhuma medida cotidiana pode ser utilizada. Como é possível que o modo de ser mais próximo seja dessa ordem? Tendo esta situação fundamental como referência, (b) a interpretação da analítica existencial oferece o seguinte: ocupar-se no mundo (com as coisas, com os outros e consigo) possui no mais das vezes um comportamento *desviante* deste encontro com o mais próprio de si. Ocupando-se, atarefando-se, a presença *foge* de seu mais próprio, fuga esta sinalizada pela estranha irrupção da angústia. A presença, assim decaída de seu genuíno si-mesmo, converte-se no modo mais comum de ser e de existir denominado *impessoal*, onde as coisas e os

PISETTA, Écio Elvis.

Sobre o medo da morte: provocações a partir de Pascal e Heidegger

outros lhe roubam o ser. O ente que nós somos, em geral, não se compreende a partir de si mesmo! Por isso a angústia é uma disposição privilegiada capaz de revelar à presença a direção e a constituição de sua própria essência. A palavra alemã para “estranho” (*unheimlich*) contrapõe-se a “familiar” (*heimlich*): normalmente, o que se revela a partir da angústia é algo de estranho para nosso comportamento comum. No entanto, esta estranha situação de ser é o mais familiar para a presença. Quando a presença experimenta desconforto de ser, quando ela não se sente em casa na familiaridade cotidiana, bate-lhe à porta certa saudade de si. Bem, nas ocupações cotidianas a presença foge de casa, daquilo que lhe é o estranho de si como o mais familiar. Assim, encontramos uma inversão da compreensão em relação àquilo que normalmente esperamos. Afinal, é uma casa da qual costumemente nos esquivamos! Comum é viver no desvio e na impropriedade (no impessoal). Nossa vida é construída sob a ideia de uma familiaridade social que é o contrário do que a angústia mostra. Entendemos que, por mais que a propriedade seja algo de fundamental, permanece algo de raro e incomum. No mais das vezes o modo de existir mais comum e, portanto, pertinente, é o do impessoal. Assim, *Ser e tempo* vê-se numa situação delicada: a presença vive sempre impropriamente. Quer dizer: vive uma vida incompleta, já que não incluiu na compreensão de seu ser a possibilidade da propriedade. Dessa forma ela nunca é por inteiro?! Heidegger critica esta afirmação demonstrando que ela não pensa de modo suficientemente existencial. Que significa ser a partir de sua essência própria? Neste contexto, a interpretação da morte é assumida como caso extremo de ser da presença (como a angústia), visando a uma resposta acerca da unidade e totalidade desse ser. A existência da presença não pode ser exclusivamente imprópria ou impessoal.

3.2 O contexto de questionamento da morte da morte em *Ser e Tempo*

Diversas passagens nos devolvem ao pensamento nietzschiano: “da sua morte, morre o homem realizador de si mesmo” (NIETZSCHE, 1981, p. 86). De modo geral, Heidegger se contrapõe a toda interpretação simplesmente dada da morte, convidando-nos a pensá-la existencialmente, isto é, como modo privilegiado de ser da presença.

Até este momento de *Ser e tempo* (§ 46) a analítica da presença (a existência) foi mostrada – sobretudo – em seu aspecto impróprio e impessoal. A gente vive como toda gente vive e, portanto, uma vida incompleta. Como fazer a experiência da morte e, desta maneira, alcançar a completude da presença? De imediato encontramos a morte dos outros (§ 47). Mas quem morre são os outros, e não “eu mesmo”. O luto, as exéquias, a dor sofrida, pertencem ao mundo público, à convivência, onde estamos no máximo junto a alguém. Ninguém pode, de fato, substituir a minha morte. A morte é intransferível. É, a cada vez, minha (Cf. §47, p.314). Mas a morte humana também não pode ser confundida com a morte dos seres vivos (da natureza): a presença finda (*enden*) e os seres vivos finam (*verenden*). A morte a ser pensada é fenômeno exclusivamente humano. Enquanto a presença vive, falta-lhe a morte. Somente com a morte é que ela completa seu ser. Mas, desta maneira, ela deixará de ser. Segundo a opinião de Epicuro, a morte não é nada para nós: “quando a morte está presente, nós é que não estamos” (EPICURO, 2002, p.29).

Dessa forma, a morte está presente na vida da presença como algo de insolúvel, um ainda-não constante ou um impendente privilegiado. Mas como compreender isso? Pendente é algo ainda não resolvido, mas que o será. A morte não tem esta textura. Sua impendência não pede solução como normalmente esperaríamos, pois a vida da presença deixaria de ser. A totalidade será alcançada, então, como o fruto maduro em potência no fruto verde? E se o fruto verde cai prematuramente? Morreu incompleto? Afinal, basta estar vivo para poder morrer. Então “findar não diz necessariamente completar-se” (§ 48, p. 319). Aqui é preciso examinar como estamos pensando a situação, isto é, nos domina a ideia de soma e acréscimo, o que denota a interferência do ser simplesmente dado. Existencialmente, findar indica apenas ser-para-o-fim (Cf. § 48, p.320), isto é, enquanto a presença é, é simultaneamente para a possibilidade de não ser mais. Então a morte não lhe é adicionada posteriormente.

No § 49 há uma delimitação do fenômeno frente à medicina, à biologia, à teologia, etc. A morte deve ser pensada entre nascimento e morte. Mas não como algo simplesmente dado, ou ôntico, ou alguma ocorrência dentro do mundo, mas de modo ontológico ou existencial. Exige, então, mudança do olhar: o ser-para-o-fim é a experiência que a presença faz de sua morte enquanto vive. Por mais que a medicina e a biologia nos orientem hoje na pandemia, elas pensam a morte como processo físico-

PISETTA, Écio Elvis.
Sobre o medo da morte: provocações a partir de Pascal e Heidegger

biológico-médico, o que lhes é pertinente. A medicina nos auxilia a ficarmos vivos. Mas não lhe pertence o poder de “viver” a nossa vida. Por outro lado, questionamos a pesquisa científica de diversos modos. Críticos das ciências são os próprios cientistas, visando maior acuidade acerca de seus objetos. Também o é a filosofia, quando está em jogo a própria compreensão da realidade e do ser humano num sentido distinto daquele projetado pelas ciências. Distinta destas é a mera crítica que desqualifica sem demonstrar e sem refletir. Isto é, aquela que não problematiza. A carência de problematização gera cegueiras próprias, como a negação ou o endeusamento da ciência ou de qualquer outro saber. Na sua proporção, toda atividade científica levada a cabo com seriedade encontra algo de angustiante e impensado que desafia tanto a sua perspectiva quanto o pensamento em geral.

No § 50 a metodologia existencial é elucidada. (a) A morte é uma *possibilidade ontológica*. (b) Remete ao modo de ser da presença. A morte não é uma ocupação com algo ou com alguém e, talvez, nem mesmo uma ocupação consigo como numa preparação para a morte, onde o indivíduo desprende-se de tudo o que não se leva para o túmulo ou prepara-se psicologicamente para o instante fatal. O que está em jogo não se mede nem por meio de uma aceitação nem por alguma revolta em relação ao fato da morte. Esta possibilidade remete ao ser da presença com o qual propriamente não nos ocupamos, mas somos. Assim, interfere no modo como exercemos todas as ocupações e preocupações! Que é a morte? Surge o conceito existencial: a morte como “a possibilidade da impossibilidade pura e simples de presença”; a morte revela-se como “a possibilidade *mais própria, irremissível e insuperável*”; a morte é um “impedimento *privilegiado*” (§ 50, p.326), não correspondendo a algum “deixar de viver” (Idem, p.327).

No parágrafo seguinte descreve-se a morte na cotidianidade. Ali é citada a novela de Tolstói, *A morte de Ivan Ilitch*. “O próprio da cotidianidade é o impessoal” (§ 51, p.328). Então, cotidianamente, a presença relaciona-se com ela mesma e com sua morte de modo impessoal, (a) como *ocorrência*: algo conhecido que não deve surpreender. Afinal, um dia morreremos, mas agora ainda não. Morre-se: o impessoal é o ninguém; (b) como *nivelamento*: uma morte como qualquer outra ou um acontecimento público e impessoal. A morte é um “caso” de morte. Encobre-se, desta maneira, o caráter de possibilidade da morte para cada ser humano; (c) como

PISETTA, Écio Elvis.

Sobre o medo da morte: provocações a partir de Pascal e Heidegger

consolação e tranquilização a respeito da morte aos moribundos e, principalmente, aos vivos. Pois a morte não deve perturbar e desestabilizar a vida. Sob este ponto de vista, pensar na morte converte-se em medo covarde. Então “*o impessoal não permite a coragem de se assumir a angústia com a morte*” (§ 51, p. 330). A angústia é convertida em medo, alimentando assim a possibilidade de fuga e de desvio. Tranquilidade indiferente frente ao fato de que se morre; (d) como *alienação* diante da possibilidade de seu poder ser mais próprio e irremissível. “Não é raro perceber a morte dos outros como um desgosto e até mesmo como uma falta de tato social contra que o público deve precaver-se”(…). “Decadente, o ser-para-a-morte cotidiano é uma insistente *fuga dele mesmo*” (§51, p.330).

3.3 Notas sobre a experiência da morte no § 52

O que faltou à interpretação cotidiana apresentada? Uma compreensão suficientemente existencial! Dessa forma, o § 52 dedica-se à busca de uma certificação existencial da morte. Como afinal sabemos dela? Tal preocupação encontra seu fundamento na necessidade de um saber que admita propriamente a morte (como intransferivelmente minha!) e não impessoalmente. A ausência de dúvidas acerca da morte expressa antes um alívio e encobrimento do fato da morte, enfraquecendo qualquer certeza. Vejamos umas poucas observações.

Cotidianamente, a presença foge de estar certa, confundindo a morte própria com qualquer morte. A morte como ocorrência minimiza a apreensão da morte. Neste sentido, atribuímos à morte uma certeza empírica, acessível como uma ocorrência alheia, mas não própria. Este modo de asseguramento distingue-se de outra certeza, da apodítica. Nesta, a certeza da morte se converte numa verdade necessária e universal, como num silogismo: Todos os homens são mortais; Caio é homem; Logo, ele é mortal. Mas a verdade necessária ali anunciada ofende o ser humano determinado: como é possível que isso ocorra? Por que “eu”? Não é possível que “eu” morra! A consciência

PISETTA, Écio Elvis.
Sobre o medo da morte: provocações a partir de Pascal e Heidegger

individual resiste e abomina seu não ser mais. Estes saberes nos mostram um desconhecimento do próprio ser da presença, desviando a presença de sua morte.

A certificação cotidiana da morte é ambígua: ela está certa, não estando. Porque de fato, não pertence à compreensão cotidiana certificar-se da morte, já que a cotidianidade dela foge. Transforma, então, sua certeza em algo indeterminado, embora ofereça determinações como “agora ainda não, etc.”, que não se confundem com avaliações ou cálculos de quando se deixará de viver. Foge-se desta possibilidade nas urgências cotidianas. Temos então o pleno conceito ontológico-existencial da morte: *“Enquanto fim da presença, a morte é a possibilidade mais própria, irremissível, certa e, como tal indeterminada e insuperável da presença. Enquanto fim da presença, a morte é e está em seu ser-para o fim”* (§52, p.335).

A morte não está no fim como na conclusão de algum percurso. Não se nega, com isso, a força do elemento biológico (“viver”). Mas também não significa que a essência da vida humana se determine a partir da essência da biologia. Existencialmente, a morte é e está para a presença, antecipadamente a qualquer morte efetiva, como ser-para a morte. Pois somente assim a presença sabe e vive a sua morte. O projeto existencial para a compreensão própria da morte não se desdobra no imediato empírico ou como constatação necessária para todos os fenômenos semelhantes. Vemos então que *o saber* acerca da morte tem aspecto (a) impessoal, onde foge-se da consciência desta relação com o fim; e (b) próprio, onde se tem consciência desta relação e a ela se atende, ou seja, quando a presença descobre-se vivendo e morrendo impessoalmente enquanto vive. Como imprópria, a presença vive em desvio, mas não deve desviar-se constantemente (Cf. §52, p. 336). Em seu jogo existencial de ser, a presença sempre pode decair, desviar-se, perder-se. “A existência própria não é nada que paire por sobre a decadência do cotidiano. Em sua estrutura existencial, ela é apenas uma apreensão modificada da cotidianidade” (§ 38, p. 245).

3.4 Notas para uma compreensão existencial da morte no § 53

“A presença só pode ser propriamente ela mesma quando ela mesma dá a si esta possibilidade (§ 53, p. 340). Que significa “dar a si” a possibilidade da propriedade? Não se trata de algo fantástico pensar numa relação própria com o fim? Pois a

PISETTA, Écio Elvis.
Sobre o medo da morte: provocações a partir de Pascal e Heidegger

propriedade é sempre algo de velado para os outros! “Platão: *pois da morte ninguém sabe*, e Paul Celan: *ninguém testemunha pela testemunha*” (BLANCHOT, 2011, p. 73). Como, então, pensar esta relação de propriedade? O foco está na compreensão da morte que nos revela antecipadamente a presença como possibilidade e, assim, como essencialmente livre para seu projeto de ser, tendo de a cada vez, assumir sua própria existência, isto é, decidir.

Então, “a presença constitui-se pela abertura” (§53, p.337), seu ser é previamente disposto para possibilidades; a morte é possibilidade antecipada e, mais precisamente, a antecipação libera a morte como possibilidade privilegiada. Os fenômenos da antecipação e da possibilidade lançam o ser humano na compreensão de seu ser e de sua vida e morte como um projeto existencial. O termo “projeto” (*Entwurf*) indica a situação de ser ou estar jogado num mundo e tendo que, a cada vez, decidir ou escolher sua vida. Indica, portanto, a situação “em aberto” do ser da presença, onde está em jogo seu próprio ser (Cf. §9, p.86). Será a vida e a morte de cada presença um projeto de ser? Isto é, uma possibilidade irremissível, etc.?

A analítica existencial se coloca nesta dificuldade pedindo um modo de tratar as coisas que levasse em conta uma compreensão própria da morte e, o que dá no mesmo, do modo de ser da presença. A propriedade deve se mostrar como algo plausível e acessível a cada um, sempre possível. Então, como uma tarefa e nunca um estado que por fim será alcançado. A compreensão da vida não se limita à explicação de seu fato de ser. Ao contrário, suporta o próprio enigma deste ser. Como exemplo, podemos dizer que a montanha cresce em seu sentido de ser para o alpinista que lhe conquista o percurso. Ou que ser um cientista (especialista) e compreender a essência de uma ciência são coisas distintas. Neste sentido, compreender é deixar o fenômeno ser de acordo com sua essência existencial. Compreendendo, a morte nasce como possibilidade e se mantém como possibilidade e nós a suportamos como possibilidade sem nenhuma concessão à realidade. Pois bem, a morte tem de ser pensada sem nenhuma concessão ao realizável. Do contrário, o projeto não apenas seria impossível, tornando esta investigação sem sentido, como não acederíamos à compreensão da estrutura do modo de ser da presença. Por outro lado devemos lembrar que o advento da morte como uma possibilidade realizável retira a presença da possibilidade de experimentá-la. Ganhamos, assim, se compreendemos a morte em questão como curso,

PISETTA, Écio Elvis.
Sobre o medo da morte: provocações a partir de Pascal e Heidegger

percurso, verbo que remete, prioritariamente, ao modo de ser da presença e não às ocupações e preocupações mais diversas.

A propriedade é uma modificação que acontece no seio da impessoalidade, e não um estado de coisas em oposição a outro. Se fosse algo realizável viveríamos a situação fantástica descrita no conto de Saramago “Coisas”, parte do livro *Objeto Quase* (Cf. SARAMAGO, 1994, p.65-105). Nele, as coisas produzidas pelo ser humano começam a desaparecer, fogem. Não aguentam mais o jugo humano. Dotadas de vida, partem: o pente, os óculos, as roupas, os apartamentos, os prédios, os bancos da praça, tudo vai embora. Por fim, os seres humanos ficam de fato desnudados, como Adão e Eva no paraíso, diante da tarefa de um novo começo. Por certo, o escritor reflete sobre nosso relacionamento com as coisas, como dependemos intimamente delas e de como a “essência” humana fica encoberta sob seu jugo. No entanto, jugo duplo: o nosso sobre as coisas e, simultaneamente o das coisas sobre nós. Mas, sobretudo, o conto nos fala desta relação que, conduzida a uma situação fantástica – a da fuga das coisas e da exposição nua dos seres humanos – nos mostra a situação incontornável da existência humana no mundo. Como não ser subjugado pelo impessoal numa existência onde, de fato, a impessoalidade não pode ser expurgada? Neste sentido justifica-se o cuidado heideggeriano de desenvolver uma argumentação existencial, uma compreensão da existência também como possibilidade de propriedade, e esta como uma modificação de “direção” no seio da impessoalidade (onde, de fato, sempre estamos). Antes de tudo e na maioria das vezes domina a impessoalidade, mas não sempre e necessariamente.

Como compreender o todo ou a totalidade alcançada por meio do ser-para-a-morte em sentido próprio? O elemento negativo indicado na incompletude da presença enquanto ela é (vive) remete a algo que lhe pertence. Este problema mostra-se também no conceito existencial de ser-para-a-morte: *irremissível, insuperável, indeterminada*. A presença não precisa buscar o que lhe falta fora de seu ser, por ser menos do que é. Ela também é o que lhe falta, no sentido das possibilidades que pertencem ao seu ser como projeto. Sua incompletude não remete a algum defeito a ser consertado, mas a ser adequadamente compreendido. A angústia nos mostrou que o núcleo da presença é nada de realizável, ou seja, possibilidade para possibilidades. Este modo de ser – que é poder-ser – abarca todos os envios e desvios, todas as realizações ou efetividades *como possibilidades*, como poder ser deste ou daquele modo. O impessoal não tem olhos para

PISETTA, Écio Elvis.
Sobre o medo da morte: provocações a partir de Pascal e Heidegger

esta estrutura aberta ou livre de ser. Assim, o realizável pode ser existencialmente pensado como possibilidade, o que nos fornece uma compreensão de totalidade que não se confunde com a de soma e acréscimo. Esta totalidade não será alcançada quando todas as possibilidades forem acrescentadas. Mas já esteve sempre presente no modo de ser da presença. Em cada possibilidade a presença está inteira no jogo de se ganhar e de se perder. Sua completude se mostra na possibilidade de ser. Viver o perigo de seu ser em seu modo de ser projeto ou poder-ser expressa a totalidade visada. Mas, compreendemos adequadamente a mudança de compreensão exigida? “A presença é propriamente ela mesma, apenas à medida que, *enquanto* ser-junto a... na ocupação e ser-com... na preocupação, ela se projeta primariamente para o seu poder-ser mais próprio e não para a possibilidade do impessoalmente-si-mesma (§ 53, p. 340-341).

Que significa “projetar-se primariamente”? Abertura para a *incompletude* da presença? Morrer designa ontologicamente, morrer para a impessoalidade e nascer para o poder-ser, para seu ser como liberdade. A possibilidade, assim pensada, não permite nenhum prévio asseguramento. Por isso a sensação de suspensão, de abandono, de vazio. Dessa forma a presença se projeta primariamente para a “negatividade” de seu ser, ou seja, para seu poder-ser ou seu modo de ser livre. De fato esta projeção efetiva-se como um exercício de abandono do impessoal, suspendendo seu poderio de orientação, e lançando-se noutra espaço de ser. Esta modificação existenciária (que tem fundamentos ontológicos – voz da consciência, decisão, temporalidade, história), nasce na decisão por assumir ou responsabilizar-se pelas ocupações. A ocupação singular detém sempre algo de inalienável, independente de toda aparência repetitiva. Remete às coisas, aos outros, a si mesma. Neste último, a remissão converte-se numa apropriação da atividade como, primariamente, remissão para nada mais, a não ser para o modo designado como livre e aberto, como o poder-ser que é remissão para... O sentido último desta postura prática não se mede pela utilidade – por isso é sem medida – mas por algo de estranho, isto é, pelo próprio e singular, que se mostra a cada vez sendo num contexto determinado de remissão e significação. O exercício das ocupações e preocupações singulariza à medida que explicita a compreensão deste espaço de jogo: um sentido que primariamente remete ao ser da presença, e outro que secundariamente remete às realizações efetividades. A morte singulariza à medida que devolve a presença ao seu si mesmo e a desperta para as ocupações e preocupações como tarefa

PISETTA, Écio Elvis.

Sobre o medo da morte: provocações a partir de Pascal e Heidegger

vital e insubstituível, e não como estágios a serem superados para se alcançar um outro mundo. Desse movimento vital, a analítica descola uma estrutura existencial a ser pensada: a da possibilidade da propriedade, ou seja, o fato da propriedade somente pode ser pensada como possibilidade, e esta como antecipação: abertura, decisão, liberdade. Primariamente, a vida humana lança-se para a posse de si, uma apropriação de si, como tarefa inalienável.

A morte biológica não é o que interessa primariamente. Ela compreende vida e morte como elementos opostos ou antagônicos. Na interpretação existencial a morte se mostra como experiência em vida, isto é, como morrer. Morremos enquanto vivemos. Então a experiência da morte e da vida (do morrer e do viver) realiza-se como uma decisão que luta contra as seduções do impessoal em prol de uma propriedade de si mesmo, sempre finita. Num sentido específico, vemos isso na novela de L. Tolstói, *A morte de Ivan Ilitch*, onde o personagem faz a experiência da dor e da perda da impessoalidade dominante, tido por ele como vida exclusiva. Toda a sua dor consiste em ter que abandonar o mundo regido pelo impessoal. Mas, podemos refutar dizendo que o personagem foi forçado pela sua doença. A doença mortal o coloca diante da tarefa de despedir-se de todas as medidas que gerenciavam sua vida. De fato. No entanto, a possibilidade antecipada da morte – como existencial privilegiado, revelador da existência como finita e como tarefa de ser – também força a presença a considerar a existência primariamente a partir de outro ponto de vista, totalmente diverso. Este outro ponto de vista possui aspectos um tanto “fantásticos” (como diz Heidegger), pois de fato, a presença deve insistentemente direcionar seus esforços para algo negativo e obscuro em relação a todas as “luzes” fornecidas pela impessoalidade desviante. Se a linguagem, por exemplo, fala a partir dos valores universais e impessoais, como dizer o que, em princípio, é impartilhável? Esta exigência se mostra ao fim do parágrafo 53. Neste sentido, a vida é tão mais vida à medida que morremos para tudo o que enrijece e envelhece a vida, que é a impessoalidade. Se, por um lado, todo empenho é esforço em prol de algo, por outro, nenhuma realização esgota ou suplanta o empenho por “si” ou pelo seu poder-ser. Sócrates bebeu a cicuta. E estava a aprender uma ária. Talvez perguntemos: por que, Sócrates, aprender uma ária já que logo morrerás, com certeza? O comportamento de Sócrates nos diz: ora, apenas para aprender esta ária antes de morrer (Cf. Fédon 60 d - 61b).

PISETTA, Écio Elvis.
Sobre o medo da morte: provocações a partir de Pascal e Heidegger

Com isso nos deparamos com a compreensão de finitude. A partir de uma apropriação de seu poder-ser, a presença projeta-se igualmente para as suas possibilidades como finitas. A partir da compreensão de propriedade – propiciada pelo ser-para-a-morte como antecipação da possibilidade extrema – o sentido ou a compreensão desta relação com as possibilidades efetivas alterou-se. A presença não se desvia mais, sempre e necessariamente, nas suas ocupações e preocupações.

Então, as possibilidades não são finitas porque desaparecem ou morrem como tudo o que vemos no mundo sensível e, historicamente, no mundo também inteligível. Finita é a existência, ou seja, a essência da presença, porque possível e situada. O ser-para-a-morte é liberdade para a possibilidade morte. Assim, a finitude indica antes uma compreensão nascida do “mais” próprio e que se entende como exercício constante de apropriação: a existência é a cada vez “minha”. A propriedade não é algum estado dado, mas modificação ou tropo que acontece no seio do impessoal. Então as possibilidades são finitas à medida que são compreendidas a partir do fim, isto é, da morte como experiência de propriedade, totalidade, liberdade. “Liberdade para a morte que, apaixonada, fática, certa de si mesma e desembaraçada das ilusões do impessoal, se angustia” (§ 53, p. 343). Neste sentido, a presença nunca se torna velha demais para as suas vitórias. Na compreensão desta antecipação, mostra-se a sintonia entre possibilidade e efetividade. Um tal sentido compreendido e exercido retira todo enrijecimento típico da visão impessoal onde, de fato, a presença pode se tornar velha demais, porque movimenta-se no âmbito da realidade. A analítica existencial objetiva algo distinto de uma solução para a morte. É o que vemos, por exemplo, ainda num texto posterior: “Enquanto o homem é encontra-se na aporia da morte” (HEIDEGGER, 1969, p.180).

4. Considerações finais

Pascal e Heidegger nos provocam de modos diversos. Para um, o horizonte da fé cristã é decisivo. O temor da morte fora de seu momento imediato é um convite à lucidez. Esta desvela a pequenez humana consciente de si e que, a partir disso, tem a capacidade de entregar-se à eternidade. Em Heidegger o medo da morte com todas as suas máscaras é ainda insuficiente para alcançar uma compreensão própria da

PISETTA, Écio Elvis.

Sobre o medo da morte: provocações a partir de Pascal e Heidegger

existência. O fenômeno do medo da morte, segundo este autor, desvia o ser humano do encontro adequado com a existência. É na experiência da angústia (e do ser-para-a-morte) que encontramos a disposição adequada para compreender propriamente a existência humana como situada, livre e lançada para a tarefa inalienável de se responsabilizar por seu próprio ser (Cf. §53, p. 343). Neste sentido, Heidegger não tem em mira a eternidade ou alguma vida posterior ao momento da morte. Seu esforço efetiva-se como uma modificação da compreensão. Abertura, antecipação, possibilidade, espera, poder-ser, etc., remetem continuamente a este círculo da existência por meio do qual o ser humano assume que a impessoalidade o desvia de si e que a propriedade se mostra como uma tarefa inalienável.

De modo geral, podemos averiguar uma preocupação comum dos autores com a existência humana, apesar das diferenças já elencadas. Se, por um lado, Pascal assustase diante dos negligentes que, como dito, desdenham os valores eternos, Heidegger encontra na recusa constante do modo de viver e de pensar impessoais a dura, árdua e inconsolável tarefa da propriedade. Ambos nos lembram como os seres humanos se esforçam para não pensar, para desviarem-se do que pode ser considerado de essencial. Neste sentido também concordam que as coisas essenciais exigem mais do que um simples empenho: pedem decisão ou ruptura em relação aos elementos enganadores. Dessa forma a miséria humana assume contornos distintos: numa, apresenta a existência incompleta quando sem deus; noutra, apresenta-a como incompleta quando exclusivamente comandada pelo impessoal e completa quando descoberta como possibilidade de uma existência humana que é poder-ser. A pesquisa acerca da morte conduziu, em Heidegger, a este ponto, aparentemente absurdo: a liberdade para a morte. Antecipando seu modo essencial de ser, o ser humano vê-se na possibilidade de compreender cada desvio como envio e, assim compreender previamente a textura da existência aberta e finita. O pensamento em Pascal assemelha-se ao reconhecimento e o encontro do lugar do ser humano no universo divino pela via da fé que se mostra como o caminho mais razoável. Em Heidegger, como exigência de um novo pensamento, há o reconhecimento e a descrição fenomenológica do modo de ser do *Dasein* – a existência – que é assumida como tarefa intelectual: a analítica existencial desdobra-se como ontologia fundamental que precede todas as demais interpretações, inclusive as

PISETTA, Écio Elvis.

Sobre o medo da morte: provocações a partir de Pascal e Heidegger

religiosas. E como a existência humana ali focada não se confunde com “objeto” ou “coisa” nenhuma, a sensação de intranquilidade e de perplexidade lhe é inerente.

Referências bibliográficas

BIRCHAL, Thelma de Souza. **Pascal e a condição Humana**. In: FIGUEIREDO, Vinicius de (org.). *Filósofos na sala de aula*, vol. 2, p. 77-109. Berlendis & Vertechia : São Paulo, 2007.

BLANCHOT, Maurice. *Uma voz vinda de outro lugar*. Rio de Janeiro : Rocco, 2011.

EPICURO. *Carta sobre a felicidade (a Meneceu)*. São Paulo : Editoria da UNESP, 2002.

HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. *Introdução à metafísica*. Rio de Janeiro : Civilização brasileira, 1969.

PISETTA, Écio Elvis.

Sobre o medo da morte: provocações a partir de Pascal e Heidegger

NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra. Um livro para todos e para ninguém.* Rio de Janeiro : Ed. Civilização Brasileira, 1981.

PASCAL, Blaise. *Pensamentos.* Martins Fontes : São Paulo, 2005.

_____. *Pensamentos.* Col. Os Pensadores. Abril Cultural : São Paulo, 1984.

PLATÃO. *Fédon.* Col. Os pensadores. Abril Cultural : São Paulo, 1972.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *Filosofia: idade moderna.* vol.2. Paulus : São Paulo, 2017.

SANTO AGOSTINHO. *Confissões.* Vozes : Petrópolis, 1998.

SARAMAGO, José. *Objecto Quase.* São Paulo : Cia das Letras, 1994.

TOLSTOI, Leão. *A morte de Ivan Ilitch.* Rio de Janeiro : Lacerda Editores, 1997.

SILVA, Franklin Leopoldo e. **Introdução.** In: PASCAL, Blaise. *Pensamentos.* Martins Fontes : São Paulo, 2005, p. VII-XVI.